

JAZZ

2 MARÇO 2017

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

The Rite of Trio

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Guitarra e pedra de Rosetta André Silva Contrabaixo e visão túnel Filipe Louro
Bateria e giroscópio Pedro Alves Voz Beatriz Nunes

Qui 2 de março
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Surrealistas de outra maneira

Muitas suspeitas se levantaram assim que, no final de 2015, saiu o álbum *Getting All the Evil of the Piston Collar!*. Inspirar-se-ia The Rite of Trio, de algum modo, no surrealismo (não numa música surrealista, que nunca existiu, à exceção talvez do caso Erik Satie, mas no conceito que esteve por detrás da corrente estética liderada por André Breton)? O recurso ao *non-sense* e a um humor retorcido que fazem a imagem do grupo viriam de alguma influência do jazz holandês, conhecido por introduzir o gag nas performances? André Bastos Silva, Filipe Louro e Pedro Melo Alves negam tudo, mas com algumas ressalvas: «Não nos relacionamos com movimentos específicos da arte ou da vida, mas não queremos ser petulantes nem ingénuos ao ponto de nos considerarmos um produto nascido do vazio, qual *big bang* musical – haverá imensas pontes de contacto com muito do que se faz e se fez pelo mundo fora com uma mensagem forte, perpetuada nas gerações seguintes e refletida em cada escolha que fazemos.»

Esta formação do Porto que tem agitado os mares habitualmente calmos do jazz nacional é, assim, surrealista de outra maneira. «Que não no sentido estrito da tendência artística do século XX. Trata-se de surrealismo no sentido lato, de algo que se liberta para além da realidade normalizada. Esse é o nosso mote principal. De onde vem exatamente é como a história do ovo e da galinha. Não sabemos se o surrealismo já lá estava quando o grupo se formou

ou se se foi demonstrando à medida que a coisa se autorreforçou e ganhou forma. A conclusão a que chegamos é que utilizamos para justificar isto é a “metáfora da vida”. Temos esta ideia da vida no geral, de que tudo é caótico e absurdo e em grande parte arbitrário, aí cabendo todo o humor e todo o amor, que queremos que sejam explosivos. Isso aparece na nossa música e a partir daí em tudo o resto, na maneira como nos damos a ver e nos nossos concertos, sem fórmulas, a cada passo com uma manifestação nova», explicam os três músicos a uma só voz.

O nome escolhido para identificar a banda remete-nos para o rito, o ritual. Há a noção de que as músicas improvisadas ou com uma presença forte da improvisação são o que nos resta hoje das antigas práticas ritualísticas que envolviam cânticos e danças. Explicar a opção dessa maneira seria, no entanto, demasiado fácil. The Rite of Trio é mais rebuscado, no bom sentido: «O THE vem de The Smiths. O RITE fomos buscá-lo ao “The Rite of Spring”, de Igor Stravinsky. O OF remete-nos para The Offspring. O TRIO, como só podia ser, alude à série de discos “The Art of Trio”, de Brad Mehldau. Só o “The” e o “Of” são mentira (risos). Inspirámo-nos mesmo no Mehldau e na obra de Stravinsky. Isso aconteceu numa altura em que o projeto ainda estava em fase embrionária e pouco podíamos garantir que esse fator ritualístico se refletisse tão claramente. Passados que estão uns anos verificamos que há qualquer coisa de xamânico em certas texturas com carácter extasiante. Nada de especial-

mente premeditado, no entanto. De qualquer modo, chegámos mesmo a debruçar-nos sobre o último andamento da *Sagração da Primavera*, antes de os The Bad Plus também o fazerem, e apresentámo-lo ao vivo.»

A designação The Rite of Trio parece igualmente sublinhar a condição de trio enquanto fórmula musical com as suas próprias características. A um primeiro entendimento parece, no entanto, duvidoso que haja alguma referência ao modelo *power trio*, mesmo que o rock esteja muito presente nos temas do grupo. Pois há e não há, em total paradoxo. «Existe uma divergência estilística com os típicos *power trios*, sim, mas temos uma atitude *power trio* no que toca à energia rock, que é muito *straight forward*. Na verdade, o nosso nome acaba por ser a coisa mais objetiva que temos», explicam. A este jazz com muito rock deram o guitarrista, o contrabaixista e o baterista o nome de *jambacore*. O rótulo nada significa, a não ser uma abordagem particular à combinação dos dois idiomas musicais: «O termo surgiu para definirmos um género alternativo a tudo o que tem sido feito com estes parâmetros. Claro que não é totalmente arbitrário, porque há *core* na nossa música, devido às várias cores do rock, do hard ao metal, passando pelo *punk*. O que não queríamos era uma associação a algo de concreto.» Não é fusão, tal como a entenderam os Soft Machine, nem o tipo de colagem cunhado por John Zorn. Sim um outro *Somethin' Else*, para apontar um disco de Cannonball Adderley que, apropriadamente, nada tem a ver com o que aqui está em causa.

«Cada um de nós absorveu referências específicas do rock antes de estudarmos jazz, como o *prog* dos Dream Theater no caso do Pedro, de The Mars Volta ou Mr. Bungle no do André ou de Soundgarden no do Filipe. Não querendo nós criar um produto de fusão, elas acabam por aparecer, e isso porque são linguagens que estão muito à superfície no nosso imaginário. Num projeto como The Rite of Trio, em que dizemos ao nosso génio criativo para nos dar o que queira, tudo sendo permitido e válido e debatível, é natural que muitas dessas influências surjam naturalmente», ficamos a saber. Para Silva, Louro e Alves o rock veio, portanto, antes do jazz, mas nenhum deles acha que o impacto dessa expressão musical na sua opção pelo jazz seja algo de geracional: «Se fosse, ouviriam no que fazemos “sons” como Limp Bizkit, Linkin Park ou Deftones. As nossas referências rock, assim como as do jazz e da música erudita, vêm de uma procura de música mais estimulante. Na fase inicial do The Rite of Trio o nosso propósito era aliar o gosto e a dedicação de uma banda de rock com o conhecimento e as ferramentas de uma banda de jazz. Isso serviu-nos de inspiração numa altura em que ainda éramos musicalmente verdes e estávamos a tentar lidar com o grande trabalho que tínhamos em mãos. Chegávamos a ter três ensaios semanais e a coisa funcionou. Hoje em dia esse conceito já está ultrapassado, porque tentamos transcender as barreiras e os preconceitos estilísticos.»

O grupo não está isolado neste tipo de investimento. Todos os dias surgem no

mundo casos de inovadoras relações do jazz com o rock: «O arranque do The Rite of Trio verifica-se depois de o festival 12 Points passar pela Casa da Música. Ver aquele *melting pot* de linguagens distintas a convergir no jazz, na altura em que estudávamos na ESMAE, foi inspirador para nós. Temos afinidades com os World Service Project e com os CHROMB!, que conhecemos no Spring On! do ano passado. Mas nem precisávamos de ir tão longe: os Azul de Carlos Bica e os Lokomotiv de Carlos Barretto são dois exemplos de grupos jazz com tendências rock que admiramos. Os World Service Project levaram o conceito de *punk-jazz* muito mais longe do que a maior parte dos grupos. Tudo aquilo parece estudado ao pormenor, desde a música às roupas e à atitude em palco. Partilhamos o mesmo desprezo pelas convenções e temos alguns pontos de contacto, em termos de som e de composição, mas as semelhanças terminam aí. Os CHROMB! estão altamente focados no aspeto humorístico da prestação. As composições são complexas e avançadas, mas tudo é tocado como se de uma brincadeira se tratasse. Os Azul inspiram-nos pela forma com que executam a música. Não somos esteticamente próximos, mas partilhamos o gosto pelo perfeccionismo e a vontade de levar o jazz por caminhos não óbvios. Os Lokomotiv são muito mais minimalistas, sendo que quase toda a sua música é um pretexto para a liberdade da improvisação. Também nós prezamos a inexistência de barreiras.»

É, de resto, por isso que nada com este trio é programático ou demasiado

estabelecido, apesar de a promoção do seu disco de estreia ter salientado que o seu jazz estava «longe do romantismo de lareira» habitual neste ramo da música. «Não temos uma atitude específica. É qualquer uma, livre nas suas possibilidades: é música composta com instrumentação típica do jazz e com momentos de improvisação, sujeita a qualquer proposta que venha a surgir, inclusive romântica», dizem com um sorriso trocista. Para já, o que vamos ouvir na Culturgest é o que está no álbum: «Haverá uma novidade ou outra, mas vamos apresentar esse repertório porque em Lisboa há ainda muita gente que não ouviu o disco. Estamos a tocá-lo melhor agora. O projeto consolidou-se e tornou-se central nas vidas dos três.» Pois ainda bem, dado que *Getting All the Evil...* é uma das maiores surpresas destes últimos anos de jazz criativo...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

The Rite of Trio

“Somos uma banda formada por um grupo de amigos que, durante o curso de jazz da ESMAE, se reuniu para conceber e dar vida a música com um compromisso de desafio, genuinidade e inovação. Vindos de diferentes backgrounds pessoais e musicais, dois anos após o início de explorações na sala de ensaio fomos finalmente para estúdio gravar a música mais estimulante que já tivemos em mãos. Lançamos em dezembro do ano passado o nosso álbum pela Carimbo Porta-Jazz – *Getting All The Evil Of The Piston Collar!* e desde então tivemos o prazer de ter muito boa recepção por parte da crítica – selecionados como um dos melhores álbuns de 2015 pelo Rui Eduardo Paes na lista da *Jazz.pt* e pelo José Carlos Fernandes na lista da *JazzLogical* – e muita receptividade, sendo que somos desconhecidos no panorama, para a marcação da nossa primeira digressão de promoção do álbum – com concertos na Casa da Música (festival Spring ON!), no Salão Brazil, no Serralves em Festa, no Sabotage e no Festival de Jazz de Viseu, entre outros.”

“São os mestres incontestados do *jambacore*, seja lá o que isso for. São tão putos e tocam tão bem que até dói. (...) O grupo chama-se The Rite of Trio e é melhor irem decorando este nome, porque vamos de certeza ouvir falar muito dele.”

Bitaites, por Rui Eduardo Paes,
editor da *Jazz.pt*

5/5 estrelas: “[...] cruzam, com proficiência, ironia e absoluto desprezo por convenções, jazz, *metal*, pós-rock e *math rock*, saltando sem aviso entre estilos e atmosferas diversas.”

José Carlos Fernandes, *TimeOut*

Próximo espetáculo

Coniunctio

de Pedro Ramos, Ordem do O

© Carlos Semedo



Dança Sex 3, sáb 4 de março

Grande Auditório · 21h30 · Dur. aprox. 1h · M16

No dueto *Coniunctio*, a partir de uma dança abstrata procura-se uma visão erotizada do universo, onde os princípios opostos se entrecruzam em ciclos de transformação. A eletricidade pulsante que advém da junção mediada dos opostos é aqui explorada no encontro dos corpos de Pedro Ramos e Sandra Rosado, servindo de contexto para a exploração dos vários aspetos intrínsecos ao tema da relação entre duas pessoas.

Próximo espetáculo de música

Ballrogg

Ciclo “Isto é Jazz?”
Comissário: Pedro Costa

© Jorn Stenersen



Jazz Qui 30 de março

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6

Trio escandinavo que mistura o jazz com a música improvisada e a *folk*, tanto europeia como norte-americana.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · www.culturgest.pt